

9/1/1969

Festa de Príncipes

Celso Maria de Mello Pupo

Foi uma comemoração festiva, na terra generosa de Campinas, berço de um poeta, de alma, de coração, de inspiração fecunda, de rico talento, e de erudição e simpatia. Quem a promoveu foi uma princesa do sonho que preside a mais encantadora união humana, o Clube dos Poetas, o clube dos sonhadores, o clube da beleza, da florida ilusão.

Nada faltou, nem flôres, nem juventude, nem animação, nem encantamento, nem carinho e nem poesia. Numa cabana amiga, pequena ao longe mas de grandeza afetiva para a grandeza de corações que se querem, cabana de paus roliços, como se ali vivesse a pujança das antigas e gigantes matas de Campinas; cabana de grandes olhos abertos para a natureza, a contemplar o doce sossêgo das árvores que a rodeiam; cabana silente que se ia agitar no maruiho do vozear risonho da amizade sincera a cercar o poeta. Todos o estimavam, todos o admiravam, todos o aplaudiam.

O Clube dos Poetas foi de rara felicidade; para receber o príncipe, reuniu os presentes ao pé da música, e quando o poeta, a irradiar simpatia, penetrou no parque da cabana, ouviram-se os acordes do hino do expedicionário que todos cantaram, lembrando o "morro do engenho", a "selva dos cafezais", a "terra do côco", com as "praias sedosas", "montanhas alterosas" e os "verdes mares bravios". Poema majestoso da nossa pátria que nos toca o coração, só poderia sair do coração de Guilherme de Almeida, com a "casa branca da serra, do luar de meu sertão", com a juventude de Moema e de Iracema, o doce querer de Maria Nossa Senhora Aparecida e a misericórdia do Senhor do Bonfim, voando com o pensamento "no bojo do meu violão", pelo "meu limoeiro, meu pé de jacarandá" "onde canta o sabiá", a repetir súplica que "não permita Deus que eu morra sem que volte para lá".

Falou depois um expedicionário com a espontaneidade de um coração patriota; e, ao som da música, cantaram todos o Hino Nacional, fervendo os corações moços ou velhos, que estes se rejuvenescem e se entusiasмам e palpitam juvenilmente, ao sonar do símbolo querido da pátria.

Não nos apaga da lembrança, quando uma noite assistíamos em nosso lindo Teatro Municipal construído pela alma de artista de Rafael Duarte, e, num dos intervalos, foi anunciada a conclusão do armistício na última guerra mundial. O povo delirou; ouviram-se logo os pedidos de execução do Hino Nacional, em disco, pois não havia orquestra. Mas, o Teatro não tinha disco com o Hino Nacional, e ofereceram a Marsehesa que foi recusada, passando o povo a cantar seu hino, mesmo sem música; ao término, muitos olhos tiveram de ser enxutos!... Cuidem nossos responsáveis de prever estas ocasiões, para que a oração à pátria nunca deixe de ser rezada nas horas emocionantes de nossa vida.

Na festa, a seguir, em duas alas abriram-se as pessoas presentes para que o Príncipe dos Poetas, entre elas, percorresse o caminho que o separava da cabana o que ele fez sob aplausos e, assim, já saudado pelos seus amigos. Depois, o jantar saboroso, durante o qual fizeram-se tantas saudações ao poeta; outros poetas, oradores, representantes de entidades culturais, declamadoras, a lembrar aos moços que "todo nosso romance, ó minha amiga, será, mais tarde, nosso eterno enlevo", e a nós os velhos, que já levamos, "pela tarde calma, toda uma primavera dentro d'alma, todo um inverno de cabelos brancos". E não faltou a poesia sonora do violão e da voz melodiosa e romântica de Teresa Baima, poetisa da canção dolente do sentir brasileiro.

Poesia e mais poesia, foi o apanágio da festa de príncipes; e assim, quis o homenageado que dedicou sua oração à "Campinas, Princesa do Oeste" tratando-a de alteza. Relembrou seu tempo de Ginásio Culto à Ciência, com visões da cidade de bondinho de tração animal, com "três bancos só e dois burrinhos de olhos meigos"; rememorou outros períodos de sua vida revelando que foi sob os cuidados do nosso querido e grande bispo Dom Neri, em Pouso Alegre, que ele, de "caderno aberto na carteira, o lapis entre os dedos" sentiu um pendor estranho, "uma coisa de milagre" para afirmar com palavras suas que "assim, como de mim há de partir uma alma, de mim partiu o meu primeiro verso".

Depois, os abraços intermináveis e os cumprimentos sem fim; mas o poeta não deixou um só momento, de ser afável, simpático, acolhedor, paciente, na harmonia poética de sua personalidade. Parece que Campinas o fez feliz; Campinas que o ama, que o admira, e se gloria da glória deste filho. E todos nós deixamos aquela linda cabana, de paus roliços como a primeira igreja de Campinas, de alma e coração como a gente brasileira; os moços, entre a esperança e a fantasia, vendo que do "cigarro um rôlo de fumaça solta-se, e sobe, e baila, e se adelgaça, formando um ponto de interrogação" — e nós velhos, lembrando que "foi-nos o amor um velho livro aberto, que nós folheamos de alma deslumbrada".